

**A ANTROPOTOPONÍMIA
NA NOMEAÇÃO DOS LOGRADOUROS
DO BAIRRO JOSÉ ABRÃO EM CAMPO GRANDE (MS):
ALGUNS APONTAMENTOS**

Bianca da Silveira de Amorim (UFMS)

biancasilveira04@hotmail.com

Aparecida Negri Isquerdo (UFMS)

anegri.isquerdo@terra.com.br

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar os antropotopônimos que nomeiam os logradouros do bairro José Abrão, na região urbana do Segredo, em Campo Grande (MS), sob o ponto de vista taxionômico, morfológico e histórico, verificando prováveis causas denominativas nos topônimos examinados. O *corpus* do estudo reúne 36 antropotopônimos que foram obtidos por meio de consulta às cartas topográficas oficiais, fornecidas pela Prefeitura Municipal de Campo Grande. A análise dos dados seguiu, essencialmente, o modelo teórico-metodológico construído por Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990; 1992; 1996; 2007; 2008). Os dados evidenciaram que os antropotopônimos que designam os logradouros do espaço selecionado para o estudo prestam homenagem a personalidades das mais variadas áreas, como poetas, pintores, escultores, arquitetos, geólogos, físicos e historiadores que ganharam notoriedade nacional ou internacional em decorrência de seus feitos.

Palavras-chave: Toponímia. Antropotoponímia. José Abrão. Campo Grande

1. Introdução

Desde os primórdios da história, o ser humano sentiu a necessidade de nomear o ambiente a sua volta, como uma forma de organizar e sistematizar o espaço físico em que habita. Assim, são atribuídos nomes às pessoas, aos lugares, às coisas, aos sentimentos. A onomástica, disciplina antiga que tem como foco o estudo dos nomes próprios, se subdivide em dois ramos de investigação: a antroponímia, estudo dos nomes próprios de pessoas, e a toponímia, que se ocupa da pesquisa de nomes próprios de lugares. É possível, por meio dos estudos toponômicos, recuperar aspectos históricos, culturais e até mesmo ideológicos de um grupo social em um determinado período da sua história.

O recorte toponímico aqui focalizado é composto por nomes de

logradouros públicos – ruas, avenidas ou travessas – classificados como antropotopônimos sob o ponto de vista taxionômico, morfológico e histórico. Também foram analisadas as prováveis causas denominativas dos topônimos, considerando a história social da cidade de Campo Grande. A análise dos dados seguiu o modelo teórico-metodológico construído por Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990). Neste estudo priorizamos a toponímia urbana, examinando os topônimos de natureza antropocultural, especificamente os antropotopônimos, que são topônimos relativos aos nomes próprios individuais, identificados no bairro José Abrão, na região do Segredo².

2. *Pressupostos teóricos*

A palavra, desde o início da história humana, foi considerada testemunha de acontecimentos vividos pelo homem. Ela também nomeia, identifica a realidade que circunda o homem e cria um universo significativo que acaba revelado pela linguagem. De acordo com Biderman (2001, p. 13), “ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como uma etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo” (BIDERMAN, 2001, p. 13). Nesse caso, as palavras são utilizadas como etiquetas com o intuito de categorizar o ambiente em que o ser humano se insere.

Por meio do nível lexical da língua o ser humano nomeia animais, pessoas e coisas que o cercam. Enfim, o léxico de uma língua manifesta a realidade da sociedade na qual o homem se insere com todas as suas heterogeneidades, da mesma maneira que o falante, por meio das suas escolhas lexicais, evidencia marcas de sua natureza histórica, seus conhecimentos e a identidade do grupo a que pertence.

O léxico de uma língua é, pois, o saber linguístico com que o falante registra sua cosmovisão, crenças, valores e costumes, categorizando o ambiente que o circunda por meio da nomeação.

Segundo Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1992, p. 19),

² Este estudo vincula-se à pesquisa em andamento como projeto de dissertação de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação e Mestrado de Estudos em Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), sob orientação da Profa. Dra. Aparecida Negri Isquierdo.

a toponímia (nomes próprios de lugares) “reflete de perto a vivência do homem, enquanto entidade individual e enquanto membro do grupo que o acolhe nada mais é que reconhecer o papel por ela desenvolvido no ordenamento dos fatos cognitivos”. (DICK, 1992, p. 19). O estudo da toponímia configura-se, pois, como uma investigação singular sobre aspectos linguísticos e histórico-sociais.

A toponímia, enquanto área de investigação, caracteriza-se por sua interdisciplinaridade, pois dialoga com disciplinas como a antropologia, a etnolinguística, a geografia, a história, a botânica, a zoologia, dentre outras. Além disso, pode ser interpretada como um meio de conservação linguística, pois cristaliza no topônimo elementos da língua em uso e as formas linguísticas dos povos que outrora habitaram determinado local e nomearam-no de acordo com crenças, hábitos e valores da época.

Trata-se de uma disciplina antiga que se originou na França em meados de 1878, com Auguste Longnon. Posteriormente, ainda na França, em 1922, Albert Dauzat desenvolveu estudos toponímicos com o objetivo de estabelecer a efetiva relação entre nomes próprios e os locais que designavam.

No Brasil a obra considerada clássica para o estudo da toponímia brasileira é *O Tupi na Geografia Nacional*, da autoria do tupinólogo Theodoro Sampaio, publicada em 1901. Outro estudioso que se destacou nessa área foi Levy Cardoso, especialista em topônimos brasileiros da Amazônia, de origem aruaque e caribe. Em 1961, foi publicada a obra *Toponímia Brasília*. Figura de grande importância nos estudos toponímicos foi também Carlos Drummond, devido a sua obra *Contribuição do Bororo a Toponímia Brasília*, publicada em 1965. Contudo, foi Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick que, em 1980, na Tese de Doutorado *A Motivação Toponímica: Princípios Teóricos e Modelos Taxionômicos*³ construiu uma teoria que inclui um modelo teórico de classificação dos designativos amplamente utilizado em trabalhos toponímicos em todo o Brasil.

Segundo Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1992, p. 21-22), por meio do estudo dos nomes dos lugares é possível inferir questões históricas e aspectos culturais da comunidade de fala, pois os topônimos são considerados “verdadeiros testemunhos históricos” de

³ A Tese foi publicada em 1990 com o título *Motivação Toponímica e Realidade Brasileira*, versão consultada para este trabalho.

acontecimentos de um povo em vários momentos de sua história. Enfim, os topônimos são marcados ideologicamente, pois são repletos de valores socioculturais e históricos do nomeador.

O topônimo, nome próprio de lugar, é um fato da língua, um signo linguístico enriquecido. Em termos de estrutura morfológica, o topônimo é composto por dois elementos: o primeiro, o “*termo ou elemento genérico*, relativo à entidade geográfica que irá receber a denominação” (o rio, a montanha, a rua); e o segundo, o “*elemento ou termo específico*, o topônimo propriamente dito, que particularizará a noção espacial”. Por exemplo: rua (termo genérico) Marcelo Roberto (termo específico). Esses elementos podem atuar no sintagma toponímico de maneira *justaposta* ou *aglutinada*, “conforme [...] a natureza da língua que os inscreve” (DICK, 1992, p. 10). Uma de suas principais características é que é duplamente marcado: no ato do batismo de um lugar, o que era em termos linguísticos arbitrário passa a ser motivado. (DICK, 1992, p. 18)

Com o desenvolvimento da toponímia como disciplina, surgiram modelos teóricos que orientam as pesquisas na área, considerando, dentre outros aspectos, a questão das causas denominativas e das motivações que influenciam o denominador no ato da nomeação de um lugar. Para tanto, foram sistematizados princípios e taxionomias para nortear o estudo da motivação na toponímia, como o modelo teórico-metodológico de classificação elaborado por Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990). Para a toponimista, “o modelo taxionômico que se elaborou deve, portanto, ser interpretado como um instrumento de trabalho que possibilitará, provavelmente, a aferição objetiva das causas motivadoras dos designativos geográficos, de maneira a satisfazer as demandas da pesquisa”. (DICK, 1992, p. 24)

Segundo a estudiosa, a terminologia técnica utilizada foi construída por meio da associação entre o elemento toponímico genérico e o elemento específico. Dessa maneira, no termo *fitotopônimo*, por exemplo, a forma *fito* faz referência ao elemento vegetal, enquanto o item léxico *topônimo* indica a procedência do campo de estudo específico. Por exemplo: *córrego* (elemento genérico) *da Mata* (elemento específico), topônimo classificado como *fitotopônimo* porque *mata*, o elemento do léxico comum elevado à categoria de topônimo, nomeia um “conjunto de árvores”, “trecho de terreno em que há vegetação silvestre densa”. (AULETE, 2014)

Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1992, p. 31-34) de-

envolveu um modelo taxionômico que contém 27 categorias, sendo 11 de natureza física: astrotopônimos, cardinotopônimos, cromotopônimos, dimensiotopônimos, fitotopônimos, geomorfotopônimos, hidrotopônimos, litotopônimos, metereotopônimos, morfotopônimos e zootopônimos; e 16 de natureza antropocultural: animotopônimos, antropotopônimos, axiotopônimos, corotopônimos, cronotopônimos, ecotopônimos, ergotopônimos, etnotopônimos, dirrematopônimos, hierotopônimos, historiotopônimos, hodotopônimos, numerotopônimos, poliotopônimos, sociotopônimos e somatopônimos.

Este estudo analisa, mais especificamente, os topônimos de natureza antropocultural, os antropotopônimos: nome de pessoa, alcunha, apelido e sobrenome que podem homenagear pessoas de importância no âmbito social, que nomeiam logradouros do bairro José Abrão, na região urbana do Segredo, em Campo Grande, com o objetivo de examinar as causas denominativas, a taxionomia, a morfologia e aspectos histórico-sociais relacionados aos topônimos analisados.

Os antropotopônimos pertencem à taxionomia de natureza antropocultural (DICK, 1992, p. 31) que são topônimos formados a partir de nomes próprios individuais. O referencial antropotoponímico e o religioso, dentre outros referenciais, são utilizados como parâmetros na composição da denominação da nomenclatura geográfica das cidades. Segundo Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1996, p. 193), “o indivíduo simples, o morador da rua ou do canto, o proprietário de um chão ou mesmo uma autoridade civil ou religiosa, poderiam servir de índices qualitativos para uma tendência urbanística incipiente”. As homenagens em forma de nome de logradouro evidenciam um espírito de conservação, de perpetuação da memória por parte dos moradores e/ou do denominador do local. Porém, a estudiosa aponta um problema bastante recorrente na antropotoponímia: a opacidade dos nomes. Isso acontece devido a duas dificuldades “1) saber quem é o portador do nome em questão; e 2) localizar-se a propriedade primitiva daquele que está sendo pesquisado”. (DICK, 1996, p. 197). Essa problemática também se evidencia na antropotoponímia aqui examinada.

De uma maneira geral, esse tipo de nomeação é uma tendência na nomeação dos logradouros urbanos, pois as homenagens a pessoas são recorrentes na toponímia urbana das cidades brasileiras, por exemplo. Muitos dos nomes elevados à categoria de topônimo já são opacos e, portanto, “o alto grau de fossilização ou petrificação de seu sentido primitivo justificaria, assim, por si só, o interesse do estudo antroponímico”

(DICK, 1990, p. 285). A opacidade desses nomes de logradouros decorre do desconhecimento sobre a vida e a importância da pessoa homenageada na sociedade, sobretudo porque nem sempre os órgãos públicos disponibilizam documentos sobre a causa denominativa do logradouro o que, muitas vezes, dificulta o trabalho do toponimista.

3. *O universo de estudo*

A pesquisa a que se vincula este trabalho tem como campo de estudo uma das regiões urbanas de Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul. A cidade é composta por sete regiões urbanas, a saber: Centro, Anhanduizinho, Prosa, Bandeira, Imbirussu, Lagoa e Segredo. O recorte toponímico selecionado para este estudo tem como foco o bairro José Abrão, um dos sete bairros que compõe a região do Segredo⁴. O nome da região recupera o nome de um córrego intrinsecamente ligado à história do antigo povoado, que se transformou na cidade Campo Grande. O topônimo *Segredo* tem como causa denominativa um caso amoroso de Manoel Vieira de Souza, um dos mineiros que se fixou no novo povoado, que era mantido em sigilo e que, quando revelado, provocou um escândalo entre a população. (SALGADO, 2001, p. 66)

O bairro José Abrão, o mais novo da região do Segredo, com fundação no ano de 1987, é subdividido em três parcelamentos, ou seja, espécie de divisão do solo regulamentada em decreto-lei, que estabelece novos loteamentos dentro do bairro, para que o espaço seja utilizado de forma consciente, respeitando áreas de proteção ambiental e espaços públicos que servem, posteriormente, para construção de unidades básicas de saúde, praças e escolas que beneficiam a população da região. (WEINGARTNER, 2008, p. 42)

Dos 58 topônimos identificados nas cartas cartográficas relativas ao bairro José Abrão foram selecionados, para este estudo, os 36 que se enquadram na categoria dos antropotopônimos, taxa que está distribuída pelos três parcelamentos que compõem o bairro, como o demonstrado no próximo tópico.

⁴ Os demais bairros que compõem a região do Segredo são: Nova Lima, Vila Nasser, Coronel Antônimo, Seminário, Mata do Segredo e Monte Castelo.

4. *Antropotoponímia registrada nos nomes dos logradouros do bairro José Abrão*

Para a composição do *corpus* deste estudo foram utilizadas como fonte primária de pesquisa as cartas cartográficas oficiais, de escala 1:200.000, fornecidas pela Prefeitura Municipal de Campo Grande (PMCG). Como complementação de dados foram pesquisados processos legislativos da Câmara Municipal de Campo Grande (CMCG); documentos disponíveis no Arquivo Histórico de Campo Grande (ARCA) e na Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano (SEMADUR). Foram consultadas também obras que versam sobre o surgimento, a construção e o desenvolvimento da cidade de Campo Grande, dentre outras, Edgar Monteiro Salgado (2001). A análise dos dados segue, essencialmente, o modelo teórico-metodológico construído por Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990; 1992; 1996; 2007; 2008), toponimista brasileira cuja teoria tem orientado os estudos toponímicos no Brasil.

A análise dos dados buscou resgatar parte da história da cidade de Campo Grande associada às personalidades homenageados por meio dos nomes de logradouros do bairro José Abrão, os antropotopônimos. Considerando-se que muitos dos antropotopônimos em análise recuperam nomes de profissionais de projeção nacional e internacional, para fins de análise, os topônimos foram agrupados de acordo com a área de conhecimento a qual se vinculam os profissionais:

Categoria profissional	Quantidade	Percentual
Arquitetura e Urbanismo	12	33,33%
Pintura/Escultura	11	30,56%
Física	1	2,78%
História	1	2,78%
Geologia	1	2,78%
Forças Armadas	2	5,56%
Função pública no Serviço de Proteção aos Índios	1	2,78%
Esportista	1	2,78%
Profissional liberal que exerceu funções na Associação de Moradores do bairro José Abrão	1	2,78%
Homenageados ainda não identificados	5	13,89%
Total	36	100%

Tabela 1 – Distribuição dos antropotopônimos do bairro José Abrão segundo a categoria profissional dos homenageados.

Os dados da Tabela 1 demonstram que os nomes próprios de pessoa elevados à categoria de topônimo contemplam profissionais vincula-

dos a nove áreas de atuação profissional: arquitetura/urbanismo e pintura/arte, as mais produtivas do *corpus* com 12 (33%) e 11 ocorrências (30%), respectivamente. Dentre as áreas com menor índice de registros, situam-se a geologia, a história e a física, todas com ocorrência única (2,78% cada área). Há os casos de personalidades que exerceram função militar (5,56% das ocorrências) ou foram essenciais para o desenvolvimento da cidade de Campo Grande, como é o caso do esportista João Rivarola (2,78%), que participou da organização desportiva e cultural da comunidade do Conjunto José Abrão. Há cinco antropotopônimos (13,89%) ainda sem identificação de dados sobre a pessoa homenageada.

O Quadro 1 traz informações acerca de 12 das 36 personalidades homenageadas com nomes de logradouros do bairro José Abrão, que incluem dados acerca de obras e ações relevantes desses profissionais prestigiados nacional e internacionalmente⁵.

Elemento geográfico	Topônimo	Informações enciclopédicas
rua	Antônio Landi	Arquiteto, cartógrafo, astrônomo e desenhista, que se aventurou pela Amazônia e criou os novos padrões arquitetônicos que caracterizam a cidade de Belém/PA.
rua	Carlos Leão	Arquiteto e desenhista que integrou a equipe de arquitetos que projetou o prédio do Ministério da Educação e Saúde (MEC) entre os anos de 1937 e 1943. Também foi ilustrador de livros de Vinícius de Moraes e de Carlos Drummond de Andrade.
rua	Alberto Lamego	Geólogo que desenvolveu trabalhos sobre a geologia e os recursos minerais do estado do Rio de Janeiro e do Brasil. Também foi poeta, músico e grande pesquisador fluminense.
rua	Nelson Lins	Físico nascido em Recife, prestou serviços no Consulado do Brasil, na Califórnia e, no Brasil, atuou como cientista e foi membro do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas.
rua	Lourival Gomes Machado	Crítico de obras de artistas brasileiros e internacionais que dirigiu o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP).
rua	Lélio Landucci	Escultor italiano que cuidou da montagem e execução final da estátua do Cristo Redentor.
rua	Murilo LaGreca	Pintor pernambucano cujo interesse pela pintura foi despertado ao frequentar o Colégio Salesiano. Há um museu com o seu nome em Recife.
rua	Joaquim Cândido	Oficial da Imperial Ordem do Cruzeiro, Comendador da Imperial Ordem da Rosa e Cavaleiro da Ordem de São Bento de Aviz. Também participou da Guerra do Paraguai e foi condecorado pelos seus feitos.

⁵ A seleção da amostra considerou como critério a relevância dos feitos realizados no Brasil pelas personalidades homenageadas.

rua	Joaquim Lacerda	Coronel do Exército Brasileiro, Lacerda nasceu no Rio de Janeiro e lutou nas Guerra do Paraguai. Com o fim do conflito, dedicou-se a questões em prol da paz.
Rua	João Rivarola	Esportista que participou da organização desportiva e cultural da comunidade do Conjunto José Abrão com a implantação do futebol veterano na modalidade mirim, juvenil e feminino.
Rua	Vitorino Nunes de Oliveira	Funcionário público do já extinto Serviço de Proteção aos Índios, do Ministério da Agricultura. É sempre lembrado com respeito pelo povo indígena, com os quais trabalhou (etnias Kaiwá Guarani, Kadiwéu e Terena).
Rua	Manoel da Cruz	Aposentado, nascido no Rio de Janeiro, fixou residência em Campo Grande, no bairro José Abrão em 1979. No bairro, exerceu função pública ativa na Associação de Moradores, entre 1987 e 1991.

Quadro 1 – Amostra de antropotopônimos do bairro José Abrão.

Fonte: Elaborado pela autora.

Como o registrado na Tabela 1, não foram localizadas informações históricas acerca de cinco homenageados com nomes de logradouros do bairro José Abrão: *Teodoro Carvalho, Jacob Jordan, Paulo Henrique, Walter Jonas e Bento de Abreu.*

Em se tratando da língua de origem dos antropotopônimos, predominam nomes de base portuguesa com 75% de ocorrências; do português e francês, 8,33% dos antropotopônimos; do português e italiano, com 8,33% dos casos; português e belga, com 2,78% dos nomes do espanhol e do francês, uma ocorrência (2,78% dos dados), conforme a Tabela 2.

Língua de origem	Quantidade	Percentual
Português	27	75%
Francês	1	2,78%
Espanhol	1	2,78%
Português + Italiano	3	8,33%
Português + Belga	1	2,78%
Português + Francês	3	8,33%

Tabela 2 – Distribuição dos antropotopônimos do bairro José Abrão, segundo a língua de origem.

Esses dados mostram que, dentre os homenageados, prevaleceram nomes de personalidades brasileiras e que desenvolveram trabalhos de grande importância, como o Plano Urbanístico para a cidade de Niterói (topônimo: Marcelo Roberto) e criação da Faculdade de Filosofia da USP, em 1934 (topônimo: Arnaldo Horta).

Podemos verificar, segundo os dados apresentados na Tabela 2, a

predominância de nomes de base portuguesa (Serafim Leite, Jesuíno Gusmão, Carlos Leão, Atílio Corrêa); nomes híbridos: português e francês (André Lhote e Victor Dubugras); português e italiano (Lélio Landucci, Ernesto de Fiori e Murilo LaGreca); português e belga (Victor Horta); espanhol (Antoni Gaudí); francês (Marc Ferrez).

Quanto à estrutura morfológica dos antropotopônimos que compõem o bairro José Abrão, constatou-se a predominância absoluta de estruturas composta (100%), pois todos os antropotopônimos são formados por nomes, prenomes e sobrenomes.

5. *Considerações finais*

Este estudo teve como objetivo analisar os antropotopônimos identificados no bairro José Abraão segundo os pontos de vista taxionômico, morfológico e histórico. A análise dos dados demonstrou que os antropotopônimos selecionados para nomear ruas, avenidas e travessas homenageiam autoridades que desempenharam as mais variadas funções na sociedade campo-grandense e, em sua maioria, personalidades renomadas, poetas (Jorge Amado, Antônio Lopes Lins e Érico Veríssimo), arquitetos (Victor Horta, Antônio Landi, Rino Levo e Atílio Corrêa), pintores (André Lhote, Ernesto de Fiori e Arnaldo Horta), artistas (Marc Ferrez e Oswaldo Goeldi) e militares (Joaquim Cândido e Joaquim Lacerda) que tiveram seus trabalhos reconhecidos nacional e internacionalmente.

Diferentemente de outros bairros da região urbana do Segredo e, principalmente, dos parcelamentos, no planejamento do bairro José Abrão a toponímia teve como propósito enfatizar e perpetuar a memória de indivíduos que desempenharam funções públicas ou sociais no decorrer da história da cidade de Campo Grande, do Estado de Mato Grosso do Sul e do Brasil.

Os antropotopônimos se distribuem pelos três parcelamentos que compõem o bairro José Abrão, com maior concentração no parcelamento homônimo ao bairro, com 32 topônimos. Todos os antropotopônimos em estudo são de estrutura morfológica composta e apenas em cinco casos ainda não foi possível identificar informações históricas acerca das personalidades homenageadas pela toponímia.

Um dos entraves para o pesquisador da toponímia urbana, particularmente, na análise dos antropotopônimos é a dificuldade de obtenção

de informações sobre a causa denominativa que motivou o denominador no momento da escolha dos nomes de personalidades para nomear logradouros. No recorte de antropotopônimos aqui examinados não foi possível, por exemplo, identificar a razão da escolha de nomes como Lélío Landucci e Nelson Lins, personalidades historicamente distantes da realidade sul-mato-grossense, para nomear logradouros de um bairro de Campo Grande. O certo, porém, no caso do bairro José Abrão, é que a escolha dos nomes de pessoas não foi aleatória, mas fruto de um planejamento urbano que buscou valorizar nomes de personalidades conceituadas, cujas contribuições são reconhecidas nas esferas nacional e internacional. Esse foi o referencial toponímico tomado como referência. Todavia, a causa denominativa, nesses casos, é opaca devido a não localização de documentos oficiais que atestem a hipótese de homenagem a profissionais e personalidades renomados.

Em síntese, a análise do recorte toponímico selecionado para este estudo mostrou-se produtivo e evidenciou a importância da toponímia para o resgate e perpetuação da memória e da história de uma cidade, no caso, a capital do Mato Grosso do Sul. A toponímia é, pois, de interesse, não só para estudiosos da área, como também para a população em geral, à medida que por meio da pesquisa toponímica características linguísticas, fatos históricos, aspectos culturais e étnicos relacionados ao grupo humano que habita e/ou habitou determinado espaço geográfico podem ser recuperados. A toponímia urbana, particularmente, confirma essa premissa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULETE. Disponível em: <www.aulete.com.br>. Acesso em: 25-03-2017.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pires Pinto de; ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2001, p. 13-22.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado de São Paulo, 1990.

_____. A estrutura e as funções do signo toponímico. In: _____. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. Serviços de São

Paulo: Serviços de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992, p. 10-22.

_____. O problema das taxonomias toponímicas. Uma contribuição metodológica. In: _____. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. São Paulo: Serviços de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992, p. 23-34.

_____. *A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo. 1554-1897*. São Paulo: ANNABLUME, 1996.

_____. A terminologia nas ciências onomásticas. Estudo de caso: O projeto ATESP (Atlas toponímico do Estado de São Paulo). ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*, vol. III. Campo Grande: UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007, p. 459-471.

_____. A toponímia como meio de investigação linguística e antropológico-cultural. In: ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). *Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português: Brasil-Portugal*. Campo Grande: UFMS, 2008, p. 215-231.

SALGADO, Edgar Monteiro. *Mato Grosso do Sul e a mesopotâmia do Prosa e Segredo*. Campo Grande: E.M. Salgado, 2001.

WEINGARTNER, Gutemberg. *A construção de um sistema os espaços livres públicos de recreação e de conservação em Campo Grande – MS*. 2008. Tese (Doutorado). – USP, São Paulo.